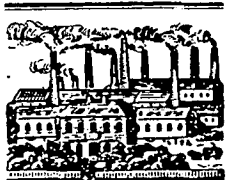


Economistas condicionam previsão

Das sucursais,
do serviço local e
do enviado especial



ECONOMIA 82

Embora não queira apostar nos exatos 5% previstos pelo ministro Delfim Netto como a taxa de crescimento do PIB em 1982,

importantes economistas concordaram, ontem, no geral, isto é, no provável reaquecimento da economia.

Não será fácil, admitem. A dívida externa, por exemplo, é "um grande fator limitativo", conforme disse, no Guarujá o embaixador do Brasil em Londres, Roberto Cam-

pos. Mas ele confessou-se esperançoso com o apoio dos economistas do Banco Mundial, "que cada vez mais buscam relacionar endividamento ao PIB e não mais endividamento/exportações". E a favor do Brasil, há também a boa impressão — que disse notar na "City" londrina — causada pela atual política econômica brasileira.

A dívida, contudo, é apenas uma das condicionantes. Para o professor Adroaldo Moura da Silva, da USP, o aumento de 4% ou 5% na taxa de crescimento depende de duas coisas: a queda dos juros externos e estabilidade no preço do petróleo. No caso das taxas, se forem mantidas como estão hoje, a situação é "desalentadora", diz o professor Luiz Gonzaga Belluzzo, pois o Brasil precisará tomar pelo menos 20,5 bilhões de dólares no Exterior.

No Rio, o professor José Júlio Senna, da FGV, preferiu fazer uma previsão mais elástica — entre 1% e 4% de crescimento do PIB para 82. Ele admite os 5% acenados pelo ministro Delfim Netto, desde que o balanço de pagamentos fique sob controle e que a economia mundial comece a sair da recessão.

Para reaquecer os negócios, o governo está chamando novos aliados. Às financeiras, por exemplo, foi permitida a captação de dinheiro no Exterior por esse motivo, segundo disse, em Foz do Iguaçu, o secretário-geral da Secretaria de Planejamento, Flávio Pécora. E o próprio governo se movimenta, conforme se nota em Brasília: os ministros têm procurado, em várias fontes, novos investimentos estrangeiros, devido à drástica redução do ingresso de capital de risco no País.